



Liberto e Religião

PAULO BITTENCOURT

Liberto da Religião

O Inestimável Prazer de
Ser Um Livre-Pensador

Paulo Bittencourt

Formatado para smartphones

Arte da capa: Paulo Bitencourt.

Foto: Galáxia do Cata-Vento (M101 ou NGC 5457), um universo-ilha com um diâmetro aproximado de 170.000 anos-luz (quase o dobro da Via Láctea), a cerca de 25 milhões de anos-luz da Terra e contendo pelo menos um trilhão de estrelas, das quais cem bilhões têm a mesma temperatura e tempo de vida do nosso Sol. Imagem composta de fotos tiradas pelo Telescópio Espacial Hubble, Telescópio Canadá-França-Havaí e telescópio do Observatório Nacional de Kitt Peak.

© Todos os direitos reservados. Sem permissão do autor, nenhuma porção deste livro pode ser reproduzida de maneira alguma.

Exceto quando se referem a uma pessoa em particular, todos os termos específicos de gênero devem ser considerados como referindo-se tanto à forma feminina quanto à masculina.



Universo, Complexo de Superaglomerados Peixes-Baleia, Superaglomerado de Laniakea, Superaglomerado de Virgem, Grupo Local, Via Láctea, Braço de Órion, Onda Radcliffe, Bolha Local, Nuvem Interstelar Local, Sistema Solar, Terra

LIVRE PENSAMENTO



Desafio

Se você é um daqueles cristãos que leem a Bíblia, imagino que seja evangélico, e se é evangélico considero um milagre você estar lendo este livro. Sem ofensa, mas evangélicos não leem coisa alguma que não tenha sido publicada por uma editora cristã, quem dirá livros que estimulam o pensamento crítico. Sei do que estou falando, pois também fui evangélico e minha família inteira o é. Posto isso, é provável que este livro tenha chegado às suas mãos por indicação, e ainda mais provável que já os primeiros parágrafos do primeiro capítulo o façam parar de ler.

A razão por que crentes devotos, sobretudo evangélicos, nada leem que induza ao livre pensar é muito simples: medo de perder a fé. Ora, se você tem medo de perder sua fé, ela não é firme, e se ela não é firme, você, além de estar sendo enganado, está enganando a si mesmo. Por outro lado, se sua fé é firme, como pode você disso estar seguro, se não a põe à prova?

Desafio-o, portanto, a ler este livro até ao fim, assim provando a si mesmo que você

não pertence ao gigantesco grupo de cren-
tes que têm medo de perder a fé. Se *Liberto
da Religião* não fizer você duvidar de nem
uma única das coisas em que você acredita,
você poderá dizer que sua fé realmente é
inabalável.

Paulo Bitten quem?

Nasci no Paraná, em 1966, mas passei a infância na cidade do Rio de Janeiro, numa época em que brasileiros ainda diziam que Deus era brasileiro. Minha mãe levou a mim e meus três irmãos à igreja evangélica a que o pai dela levava a ela e os oito irmãos e irmãs dela e meus três irmãos levaram os filhos e filhas deles. Quando me converti em adulto, meu pai, que era católico, converteu-se à igreja evangélica a que o pai de minha mãe levava a ela e os oito irmãos e irmãs dela e ela levava a mim e meus três irmãos e meus três irmãos levaram os filhos e filhas deles.

Eu não levei meu filho à igreja alguma.

Não sou qualquer um. Afinal, tenho o mesmo nome de família que o desguedelhado compositor de “tchã, tchã, tchã, tchãããã...”. Bittencourt é a versão francesa do sobrenome holandês Beethoven, de nobilíssimo significado: horta de beterrabas.

Eu sonhava em ser desenhista de histórias em quadrinhos e desenhos animados, mas uma voz na minha cabeça me mandou fazer Faculdade de Teologia e trabalhar

para um super-homem invisível e brabo. Em vez de fazer de mim um homem de Deus, estudar Teologia me fez ter dúvidas. Ao fim do quinto semestre, abandonei os estudos e me mudei para a Europa. Só não fui engolido por uma baleia porque fui de avião. Após curta estada em vários países, em 1990 me radiquei na cidade austríaca em que Ludwig van Horta de Beterrabas virou comida de minhoca: Viena, onde me formei em Canto Lírico.

Sou autor também dos livros *Perdendo Tempo Com Deus: Por Que Sou Ateu* e *Com Zeus Não Se Brinca: Loucuras da Crença em Deus*.

No meu [site](#), você pode ler mais reflexões minhas sobre religião e Livre Pensamento.

A meu filho Evgeny

Que você viva num mundo cada vez mais
livre de superstições e irracionalidades.

Índice

1

Medo

18

2

Lógica

90

3

Mito

154

4

Diversidade

234

5

Realidade

305

6

Razão

374

Apêndice 1

Desintoxicação

430

Apêndice 2

Livre Pensamento

446

Prefácio

Como o prefácio é aquela parte do livro que nenhum autor gosta de escrever e nenhum leitor de ler — porque, além de antecipar o conteúdo da obra e estragar a surpresa, como o trailer dum filme, se bem que nem tanto, costuma ser aquela enrolação que muitos leitores veem como encheção de linguiça, mas que todo autor escreve para conferir a seu livro um quê de intelectualidade, pois toda obra literária que se preza tem prefácio, e impressionar seus leitores, dos quais os que por ele pagaram acabam lendo, afinal custou dinheiro e dinheiro não dá em árvores, pelo menos nunca o vi, mas não me importo com nem uma coisa nem outra, embora eu nada tenha contra dinheiro, a não ser quando é sujo, ocasião em que calço luvas para manuseá-lo, pois se existe uma coisa que odeio, é ficar doente, uma vez que é mais fácil ganhar na loteria que encontrar um bom médico, a menos que alguém seja milionário, o que obviamente não é meu caso, do contrário eu estaria agora nas Bahamas torrando meus maços de milhões, em vez de aqui sentado

com o pescoço tenso e dor nas costas de tanto escrever, salvo se este livro vender que nem água e se tornar um best-seller e eu então conseguir sair desse mato sem cachorro para, depois de picar a mula, lavar a água, algo que não acontecerá nem que a vaca tussa, já que o ofereço a preço de banana, razão por que estou deixando cada macaco no seu galho e até tirando o cavaleiro da chuva, pois quem conhece a Lei de Murphy sabe muito bem do que estou falando —, vamos em frente que atrás vem crente.

Prefácio de Verdade

Não, caro leitor, não é erro de impressão. O prefácio que você acabou de ler é propositalmente tresloucado para abrir meu livro com descontração, já que seu assunto é muito, muito sério. Tão sério que, se eu vivesse antes do século XVIII, dependendo da época ele me levaria a ser ou apedrejado ou esquartejado ou afogado ou enforcado ou queimado. Não sem antes ser devidamente torturado, claro. Espere: quase ia esquecendo que, numa república islâmica, mesmo hoje meu livro me faria perder a cabeça. Como, do século XIX para cá, leis seculares obrigam os cristãos a ser tolerantes, no Ocidente o máximo que pode me acontecer é eu ser forçado a ver o Sol nascer quadrado.

Amém ou não amém?

Agora, o prefácio digno dum livro sério:

Imagine, caro leitor, alguém lhe contar uma história fantástica, dizendo que, se nela acreditar, você será criticado por crer no que o mundo considera loucura, mas que isso deve fazer você feliz, pois você es-

tará sendo vítima de perseguição, o que prova que essa história é verdade e que você faz parte dum seletto grupo de privilegiados. Assim que acredita nessa história e se sente escolhido, você é advertido de que, exatamente como aqueles que a consideram loucura, sofrerá graves consequências, caso dela duvide.

Uma maneira bem astuciosa de fazer você bloquear todo pensamento crítico e rechaçar o que quer que possa induzi-lo a submeter essa história a escrutínio racional, não é mesmo?

Isso, caro leitor, chama-se religião. Nos países em que por séculos essa história vem sendo passada de geração a geração como sagrada, ela está tão profundamente enraizada que faz parte de sua tradição e cultura. Deste modo, não é de admirar que, desde o berço, milhões de pessoas sejam ensinadas a vê-la como verdade universal incontestável, o que causa condicionamento da mente e resulta num automatismo religioso que impede a maioria delas de parar para se perguntar se essa história faz sentido e nela acreditar é sensato e necessário.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que tomam como ofensas as críticas a suas crenças, esses crentes acham natural criticar crenças alheias. Todos os religiosos rejeitam dezenas de milhares de religiões como absurdas, pelo que eles não perdem nem um minuto sequer de sono. A diferença entre crentes e mim é, então, ínfima: rejeito só uma religião a mais que eles.

Se o Cristianismo é a crença que mais disseco, isso se deve ao simples fato de eu ter sido cristão e ele não só ser a maior religião do mundo como também a mais seguida por ocidentais. Não faz muito sentido escrever livros sobre as irracionalidades, por exemplo, do Islã onde essa religião é praticada por uma minúscula minoria. Na verdade, nem é preciso, pois todas as religiões se resumem nisto: acreditar na existência de coisas de que não se tem evidências. Por sinal, visto serem religiões parentes, uma análise do Cristianismo é quase uma análise do Islã.

Onde não há reflexão, há manipulação. É evidente que religiões se utilizam do medo como instrumento de dominação, primeiro para engodar, depois para impedir a refle-

xão e consequente desconversão de seus adeptos. Com efeito, toda ideologia que ameaça de castigo quem a rejeita é perversa e merece ser rejeitada. Quem tem medo do Inferno está no mesmo nível intelectual de quem tem medo do Bicho Papão.

Um dos principais objetivos deste livro é mostrar que não há motivos alguns para seguir religiões e que há razões de sobra para ser um livre-pensador.

Paulo Bittencourt

“Não há prazer maior que ser um
livre-pensador.”

— Paulo Bittencourt

Medo

“Minha mãe me disse, há tempo atrás:
 ‘Onde você for, Deus vai atrás.
 Deus vê sempre tudo que ’cê faz’.
 Tinha tanto medo de sair da cama à noite pro
 banheiro,
 medo de saber que não estava ali sozinho,
 porque sempre, sempre, sempre eu estava
 com Deus.”

— Raul Seixas
(Paranoia)

GEORGE CARLIN, UM famoso comediante americano, apresentou, em 1972, um programa intitulado *As Sete Palavras Que Você Nunca Pode Dizer na Televisão*. Como sinto que o caro leitor está morrendo de curiosidade para saber quais são, ei-las: [censurado], [censurado], [censurado], [censurado], [censurado], [censurado] e [censurado]. A piada consistia em Carlin dissecar esses sete palavrões de tal modo que ao fim perdiam toda obscenidade, transformando-se em palavras comuns.

Na mediana cidade em que nasci, havia dois cinemas: o Marajá e o Plaza. Enquanto

o Marajá era especializado em kung fu e banguê-banguê à italiana, o mais sofisticado Plaza projetava, com muitos meses de atraso, os últimos sucessos de Hollywood, porém sem deixar de lado as populares pornochanchadas da década de 1970. Garotos em plena explosão hormonal, como eu, deleitavam-se com a “obscenidade” dos cartazes desses filmes, que naquela época eram considerados pornográficos, mas menos duma década mais tarde passaram a ser mostrados na TV e hoje não escandalizam nem vovós centenárias.

Ainda que não de maneira uniforme, ao redor do globo a expansão do conhecimento, avanço da Ciência, aumento geral do nível de instrução e popularização da internet tendem a fazer as pessoas ficarem cada vez menos ingênuas. Muito do que na geração anterior era reprovável é hoje aceitável ou tolerável. À medida que diminui a ingenuidade, os tabus perdem a força ou desaparecem.

Desde 1826, ano em que o professor Cayetano Ripoll foi enforcado pelo tribunal católico Junta de Fé, em Valência, Espanha, ninguém mais no Ocidente precisa temer

ser condenado à morte por blasfêmia ou heresia. Mesmo assim, para muita gente divindades e religiões continuam sendo tabus sacrossantos e amedrontadores. Se tomarmos Cristianismo e Islã, temos um total de 4,2 bilhões de pessoas, mais da metade da população mundial, que não ousam duvidar, quem dirá questionar os dogmas das duas maiores religiões, embora saibam que eles não se baseiam em evidências. Enquanto em grande parte do mundo islâmico crítica à religião e descrença são passíveis de pena de morte, no mundo cristão pessoas ainda podem ser presas por publicamente se oporem a convicções religiosas. Se o caro leitor é ateu e está planejando passar um tempo na Rússia, quando estiver lá não diga num bate-papo virtual “Deus não existe”, a menos que você esteja com vontade de ver o Sol nascer quadrado.

Não são poucos os crentes que demandam a incriticabilidade do Cristianismo. Apesar de todo esclarecimento e liberdade, no Brasil é comum administradores de canais do YouTube e páginas do Facebook serem ameaçados de morte ou processados por criticarem ou parodiarem a fé cristã.

Mundo afora, quem declarar não acreditar em seres invisíveis será visto como normal. No Ocidente, quem declarar não acreditar nos seres invisíveis das religiões indígenas, africanas e asiáticas também será visto como normal. Por sua vez, nas Américas quem declarar não acreditar nos seres invisíveis da religião judaico-cristã será visto com desconfiança e poderá sofrer hostilidades.

Um dos principais atributos do deus cristão é ser santo. O que é santo é sagrado; o que é sagrado, inviolável; o que é inviolável, inquestionável; o que é inquestionável, indiscutível. Assim, não é de admirar que num país em que, segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apenas 8% das pessoas não têm religião, 86,8% são praticantes do Cristianismo e o fundamentalismo cristão cresce de maneira vertiginosa, criticamente refletir sobre Deus e religião não seja nem comum nem aceitável.

A essência de muitas religiões é a mesma: por mais simples e desconhecidas que sejam, pregam a existência de pelo menos um deus que recompensa quem o agrada e

castiga quem o desagrada. Uma característica comum a todas é que deuses não estão nem um pouco interessados em pôr fim às dúvidas e acirradas discussões sobre sua existência. Se o deus cristão existe, seria tão fácil para ele acabar com a aflição dos que anseiam por descobrir o sentido da vida, com a angústia daqueles que pensam precisar ter certeza de que a morte não é o fim e com a inimizade entre as diferentes religiões e suas seitas, que ao longo da História matou milhões de pessoas e ainda hoje gera arrogância, intolerância, discórdia e divisão: bastaria aparecer à Humanidade. Como deus onisciente e todo-poderoso, sabe como poderia fazê-lo de modo inequívoco, dissipando toda e qualquer dúvida. Por que, então, não o faz?

O deus bíblico supostamente inspirou alguns homens da Idade do Ferro a redigir uma cartilha com relatos também da Idade do Bronze, fez alguns deles terem sonhos enigmáticos, revelando-lhes eventos futuros por meio de obscuros simbolismos, e chamou pessoas para fundar igrejas. Desde então, fica observando suas criaturas se debaterem com a interpretação de suas inspi-

rações literárias, curioso para ver quem delas as decifram corretamente e quantas as aceitam sem questionar. Dizem por aí que tudo que é bom precisa ser alcançado através de árduo esforço. Assim sendo, é como se Deus sentisse prazer em pôr à prova a capacidade do homem de crer, executar e esperar. Só quem passa nesse teste se qualifica a receber o prêmio: morar numa mansão de ouro por infinitos centilhões de anos.

Maior figura do Cristianismo, o apóstolo Paulo compara a fé em Deus a uma luta, mas principalmente a uma corrida. Para mim, e acho que para muita gente, uma comparação nada motivadora. No ginásio, tivemos um péssimo professor de Educação Física. Em vez de nos ensinar diferentes modalidades esportivas, botava a classe para correr debaixo de sol escaldante, razão por que o apelidamos de professor de pista. Nas provas bimestrais, dava-nos um ponto por cada volta em torno do campo de futebol. Como odiávamos correr, a maioria de nós dava só cinco voltas, o suficiente para passar. Se o Paraíso é alcançável só por

meio de corrida e luta, quem não gosta nem de correr nem de lutar está perdido.

Religiosos veem a vida como um teste administrado por Deus. Contudo, a concepção de que ele nos testa é uma incoerência. Primeiro porque não se trata dum teste qualquer, como os escolares, que o aluno, se reprovado, tem a chance de repetir. O teste divino dura uma vida inteira e seu objetivo não é qualificar uma pessoa para a vida profissional, mas determinar onde ela passará a eternidade: se tocando harpa e entoando louvores em altas e brilhantes nuvens ou sendo fritado e urrando de dor nas profundezas tenebrosas do Tártaro. E segundo porque os seres humanos não são iguais numa série de aspectos, como intelecto, condição de saúde, estrato socioeconômico, educação, inclinações e oportunidades. Logo, dadas as terríveis consequências duma reprovação, se a vida fosse um teste divino ele não seria justo. Ao mesmo tempo corrida e provação, a vida de alguns tem mais obstáculos e é mais dura que a de outros.

Tampouco é igual em todas as pessoas a predisposição para acreditar na existência

de deuses e seguir religiões. Algumas têm grande facilidade para crer, bem como se submeter a autoridades eclesiásticas. Por sua vez, as de espírito mais livre, que crentes gostam de classificar de rebeldes, são menos ou nada inclinadas à religiosidade. Semelhantemente, a propensão para fazer o bem e praticar o mal não é igual em todo mundo. Por outro lado, se fôssemos iguais o resultado do teste de todas as pessoas seria igual, tornando-o sem sentido, o que ele, de fato, é, pois Deus, sendo onisciente, conhece o futuro e sabe o resultado do teste antes de aplicá-lo. Isso mesmo. Neste exato momento, Deus já sabe quem passará na prova quem não, quem irá para o Céu quem para o Inferno. Que cristão ousaria afirmar que Deus não sabia o resultado do macabro e sádico teste que fez com Abraão, quando o mandou sacrificar seu filho Isaque?

Piscando como o letreiro de néon dum cassino de Las Vegas, duas palavras saltam aos olhos de quem, livre de viés religioso, reflete sobre a concepção de Deus ensinada por muitas religiões: infantilidade e sadismo. Deus cria os seres humanos diferentes uns dos outros, no entanto ignora suas di-

ferenças e de todos espera submissão incondicional, castigando os que não concordam com o que sobre ele é ensinado. Em que um deus assim difere de ditadores e tiranos?

Ao que tudo indica, Deus está um pouco cansado de sua imagem pública milenar de velho rabugento de barba branca. Por isso, para nela dar uma melhorada, contratou a ajuda profissional de relações-públicas especializadas: pastores neopentecostais. A estratégia consiste em fazer os fiéis esquecerem que Yahweh, o deus mal-humorado e implacável, que matava e mandava matar até crianças, e Jesus, o deus que gostava de crianças, são a mesma divindade. O rabugento Yahweh é deus só dos judeus. O deus dos cristãos é outro, completamente diferente: Jesus, a divindade camarada, trazedora de cura e fortuna.

E por falar em implacável, há quem afirme que se tornou ateu após ler a Bíblia com atenção. Numa entrevista coletiva por ocasião do lançamento do filme *Êxodo: Deuses e Reis*, de Ridley Scott, assim se referiu o ator Christian Bale a seu personagem Moisés: “Penso que esse homem era esquizo-

frênico e foi um dos indivíduos mais bárbaros sobre que já li na minha vida”. Deus falava com Moisés diretamente e quase tudo que a figura mais importante da Bíblia dizia, especialmente as ordens para destruir cidades inteiras, exterminando todos os seus habitantes, o que incluía crianças, começava com um amedrontador “Assim diz o Senhor”.

Demos a alguém que nunca tenha ouvido falar da Bíblia o capítulo 28 de Deuteronômio para ler e certamente pensará tratar-se do roteiro dum filme de terror. Sob inspiração divina, Moisés enumera as maldições com que Yahweh promete castigar seu povo, caso este ouse “não seguir cuidadosamente todos os seus mandamentos”:

O Senhor os encherá de doenças até bani-los da terra [...]. O Senhor os ferirá com doenças devastadoras, febre e inflamação, com calor abrasador e seca, com ferrugem e mofo, que os infestarão até que morram [...]. O Senhor os castigará com as úlceras do Egito e com tumores, feridas purulentas e sarna, males dos quais vocês não poderão curar-se. O Senhor os afligirá com loucura, cegueira e

confusão mental [...]. O Senhor afligirá os seus joelhos e as suas pernas com feridas dolorosas e incuráveis, que se espalharão sobre vocês desde a sola do pé até o alto da cabeça [...]. Todas essas maldições cairão sobre vocês. Elas os perseguirão e os alcançarão até que sejam destruídos [...]. Vocês comerão o fruto do seu próprio ventre, a carne dos filhos e filhas [...]. Será agradável [ao Senhor] arruiná-los e destruí-los.

A propósito, por que a Bíblia faz tanta questão de frisar a bondade de Deus? Se não contivesse passagens do tipo “Dêem graças ao Senhor porque ele é bom” (Salmos 107:1), será que ao fim de sua leitura concluiríamos que a divindade bíblica é bondosa? Pelo menos 60 versículos da Palavra de Deus se dedicam a convencer o leitor de que o deus que castiga quem não o adora é bom, claro sinal de que isso não fica evidente.

Como haveriam as proibições extra-bíblicas impostas por muitas denominações evangélicas, que podem ir desde fumar, tomar bebidas alcoólicas e café, comer carne de porco e frutos do mar, assistir à...

Leia o **resto** do livro.